

«FRAGMENTOS DE FILOSOFÍA», nº 12 (2014), pp. 67-82. ISSN 1132-3329

DA VULNERABILIDADE À RESPONSABILIDADE
NA PARÁBOLA DO *HOMO VIATOR* (Lc 10 , 25 - 37) :
SEGUNDO O PENSAMENTO DE LEVINAS

*FROM VULNERABILITY TO RESPONSABILITY ACCORDING
TO HOMO VIATOR PARABLE (LC 10,25-37): BY THE SENSE OF LEVINAS*

JOSÉ HENRIQUE SILVEIRA DE BRITO

RAMIRO DÉLIO BORGES DE MENESES

Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional de Braga

jhsilveirabrito@gmail.com

borges272@gmail.com

Resumo

A vulnerabilidade é analisada como responsabilidade, de acordo com a interpretação da parábola do Bom Samaritano. Neste estudo, é apresentada uma análise conceitual da vulnerabilidade, sob dois aspectos: a vulnerabilidade passiva e ativa de vulnerabilidade e a vulnerabilidade como responsabilidade para com o Outro. Este outro, querendo a solidariedade do Outro, recebe a sua vocação. O cuidado é a responsabilidade. Em minha responsabilidade que responde pela liberdade do outro (impotente), na fraternidade humana surpreendente em que a fraternidade segundo o Bom Samaritano, não explica por si só a responsabilidade entre os seres separados. A responsabilidade para o outro é o lugar em que está situado o não-lugar da subjetividade do samaritano ao Helpness (Lc 10, 30).

Palavras-chave: bom samaritano, a passividade, a responsabilidade para o outro, e de vulnerabilidade.

Abstract

The vulnerability is analyzed as responsibility, according to the interpretation of the Good Samaritan parable. In this study, is presented a conceptual analysis of the vulnerability, under two aspects: the passive vulnerability and active vulnerability, and the vulnerability as responsibility to the Other. This Other, wanting the solidarity of Another, who receives its vocation. The care is responsibility. In my responsibility that answers for the freedom of the other (helpless), in the astonishing human fraternity in which fraternity according the Good Samaritan, would not by itself explain the responsibility between separated beings it calls for. The responsibility for the other is the locus in which is situated the non-place of subjectivity from Samaritan to the Helpness (Lc 10, 30).

Keywords: Good Samaritan, passivity, responsibility for the other, and vulnerability.

Introdução

A vulnerabilidade traz ontologicamente a marca da potencialidade do existir. Esta é *in fieri* como imperfeição do ser, do agir e do fazer, tal como surge na narrativa – conto do Bom Samaritano. A vulnerabilidade é um *fieri* das feridas do coração. Revela-se como cedência da espiritualidade do coração, que tem uma resposta. A Vulnerabilidade, naturalmente, refere a grande instabilidade, em que se estrutura o existir, que se implica na essência dos nossos comportamentos, como responsabilidade por aquilo que não fui eu que fiz ou não me diz respeito. A vulnerabilidade é uma forma de responsabilidade do Desvalido no Caminho. A vulnerabilidade é do domínio do patético e o patético da vulnerabilidade é um *esse* pré-filosófico. Trata-se de uma metáfora vivente, que se centra no Desvalido no Caminho e que é o “rosto da vulnerabilidade”. O *des-valere*, ausência de valor, de dignidade, de ser e de fazer, tem a sua metáfora no “semi-morto”, que ia de Jericó a Jerusalém, onde no Gólgota realizará a passividade da passividade. O “Desvalido no Caminho da parábola é além do *Homo Viator*, o *homo pateticus*, que carrega *per se* a vulnerabilidade pela cedência do ser Outro, como um compromisso soteriológico. A fragilidade do Desvalido no Caminho é referida pelo versículo: Certo Homem (*quidam homo*) descia de Jerusalém para Jericó e caiu às mãos dos salteadores que depois de O despojarem e encherem de pancadas O abandonaram, deixando - O meio-morto. A vida da vulnerabilidade anárquica, é aquela que vem do Pai das Misericórdias e vive-se na Paixão e Morte do “semi-morto”. A vulnerabilidade é a vida e o caminho da cruz¹.

Podemos ver que a vulnerabilidade tem um “rosto”. O Rosto pede-me e ordena-me. Assim, é a vulnerabilidade como um pedido de cuidado. A vulnerabilidade conleva este pedido responsável. O Desvalido é sofredor e está aniquilado pela fragilidade da angústia existencial. Na vulnerabilidade, o coração está quebrantado pela dor e pelo sofrimento. Há uma cedência do coração, o Samaritano da parábola ao cuidar do Desvalido será o pastor do vulnerável. Na parábola da vulnerabilidade do *Homo Viator*, encontraremos pelo caminho do nosso existir, a passividade e a proximidade do vulnerável (nu, doente marginal, etc.)².

¹ Meneses, R. D. B. (2008), pp. 106-107

² *Id.* pp. 108-110.

A vulnerabilidade possui uma morada, onde “habita” a falência do estar, do ser e do agir. A vulnerabilidade implica uma relação de cedência do ser e do fazer. Assim, encontramos o Samaritano, que se tornou vulnerável e se revelou no seu ponto fraco, porque o Desvalido no Caminho era um ser passivo, que lhe despertou o “fazer esplancofânico”. A vulnerabilidade poderá significar uma falta de consistência ontológica e revelar a natural precariedade do ser e do agir. O Desvalido no Caminho apresentava uma certa debilidade física ou falta de vigor, com aspecto delicado. O Samaritano, pelo “fazer esplancofânico”, apareceu como o restaurador do vigor, diminuindo a fragilidade do Desvalido. A vida do Desvalido no Caminho é determinada pela debilidade ontológica, onde esta está e age. Naturalmente que a vulnerabilidade está condicionada pela solidariedade. Quanto mais vulnerabilidade, maior será a solidariedade. Pela vulnerabilidade, o Desvalido está no enfraquecimento do existir e do fazer. A solidariedade, em sentido espiritual, de um Samaritano, casa com a vulnerabilidade de um Desvalido no Caminho. A parábola do Bom Samaritano aponta para que a solidariedade apresente a vulnerabilidade como sinónimo. A solidariedade é a outra face da vulnerabilidade. Onde acaba a vulnerabilidade, começa a solidariedade e aqui temos a outra lição da parábola. Se a vivência exemplar do Samaritano se revê na solidariedade, então a vulnerabilidade estampa-se no Desvalido pela dor e pelo sofrimento. Estas realidades têm expressão na solidariedade e vulnerabilidade da vida.³ Na parábola, a solidariedade transforma-se num *modus operandi* de unidade entre pessoas, cuja expressão mais acertada será da “comunhão” do Desvalido ao Samaritano. A solidariedade foi a resposta – com atitude aretológica – que o Samaritano, no empenho esplancofânico, prestou ao Desvalido. A solidariedade transforma a mútua desconfiança em colaboração que, junto com a liberdade, constitui o marco, onde se realizará o desenvolvimento do Desvalido. A perfeição perfectível, tal como se apresenta “certo homem”, consiste em tornar-se “perfeição defectível”, ou numa imperfeição pela sua vulnerabilidade, como “meio morto”. Este é o lado regressivo do Desvalido, que se revelou na fragilidade do ser, do estar e do agir. Mas aqui, naturalmente, articulam-se os dois termos: solidariedade e vulnerabilidade que são determinados pelo Desvalido. O Samaritano é chamado à solidariedade pela comoção das vísceras (Lc 10, 33) ao ajudar o Desvalido (certo homem) (Lc 10, 30). A vulnerabilidade será ser responsável

³ Osswald, W. (2005), pp. 51-65.

por Outrem, sem esperar a recíproca. Toda a vulnerabilidade é um cuidado plesiológico. E, naturalmente, segundo a parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25 – 37) diz uma relação xenoplesiológica. Quanto mais vulnerável for o ser humano, mais necessitado estará de cuidado, como solicitude do “ outro-estranho”, representado no Samaritano. Segundo a parábola do Desvalido no Caminho é um *ex-sistere* (estar a partir de qualquer coisa) lábil como se revela no “semi-morto”⁴. A vulnerabilidade é *in fieri* como imperfeição do ser, do agir e do fazer, tal como surge na narrativa – conto do Bom Samaritano, a vulnerabilidade é um *fieri* das feridas do coração. A vulnerabilidade está plenamente condicionada por esta passividade, que permanece no ser do seu sofrer. Poderemos dizer que esta experiência é necessária *in passo*, (no padecimento)⁵, tal como se descreve pelo acontecimento soteriológico da parábola do *Homo Viator* em Lucas⁶. A vulnerabilidade é uma forma de passividade.

1. A Vulnerabilidade activa e passiva, em Lévinas, pela parábola do Bom Samaritano.

O Desvalido está às ordens do Samaritano, para que este “cuide d’Ele”⁷. A sensibilidade surge como passividade, vulnerabilidade, exposição interminável, que não resulta de qualquer decisão⁸. O Desvalido no Caminho manifesta-se num “apelo”. O “semi-morto” não grita, não geme e não tem voz. É a voz sem voz. No seu silêncio faz um apelo: cuida de mim. Este apelo é a vocação da vulnerabilidade, dado que o Samaritano respondeu: Eis-me aqui. O apelo do Desvalido vem da vulnerabilidade activa, que é ele mesmo, o indefeso, o pobre, o peregrino, e o estrangeiro, que exige a presença da vulnerabilidade passiva: o Samaritano. A manifestação do rosto despido, como apelo no mundo do Samaritano é a revelação do Outro (semi-morto), que exige de todos nós (enfermeiros, médicos, paramédicos, etc.) respeito e acolhimento, porque como diz Lévinas esse Outro é doente, pobre e fraco. São as figuras da vulnerabilidade⁹. A passividade do sujeito indica a afecção “traumática”, que

⁴ *Bíblia Sagrada* (2003), p.1693.

⁵ *Id.*, p.13

⁶ *Bíblia Sagrada* (2003), pp.169-1693.

⁷ *Id.*, pp.1692-1693.

⁸ Brito, J.H.S. (2002), p. 214.

⁹ Meneses, R.D.B.(2008), p. 201.

vem de fora, sendo a impossibilidade em que se encontra o sujeito de assumir esta. O extremo da passividade é o sujeito enquanto bondade¹⁰ Há uma assimetria na relação entre o Samaritano e o “semi-morto”. O Desvalido (Outro) é que dá a ordem (é activo), sendo o Samaritano uma vulnerabilidade passiva, porque, recebe o mandamento: cuida de mim!...Ajuda-me!...¹¹. A passividade do sujeito, como vulnerabilidade, não se anula porque responde ao Bem. A subjectividade humana, extrema passividade, é uma obsessão irremediável pelo Outro (desvalido). Interpretando a parábola do *Homo Viator*, pelo pensamento de Lévinas, o Samaritano não está voltado sobre si mesmo. Este é um Eu aberto, porque foi levado a responder pelo Outro e para o Outro (Desvalido no Caminho). O Samaritano responde pelo Outro e dá conta do Outro¹². A passividade, que nenhuma actividade do sujeito pode reassumir, constitui o sujeito como origem de tudo. Aparece como impossibilidade de uma auto-identificação do sujeito, que faça d’Ele substância contemporânea a si mesma. Segundo Lévinas, a unicidade irreduzível do sujeito é a contracção do sofrer pelo outro, que já é um sofrer para o Outro. “Na parábola, ao aplicar-se o sentido levisiano do sujeito, o Samaritano vive na doação do “pelo outro” no “para o outro”, desde a proximidade ao acolhimento desinteressado”¹³. O primeiro evangelho da vulnerabilidade revela-se na parábola do Desvalido no Caminho, uma vez que o Desvalido no Caminho simboliza a vulnerabilidade activa, que habita no Pai das Misericórdias, enquanto a vulnerabilidade passiva tem um rosto pela comoção das vísceras. O Samaritano sofreu uma acção, de fora para dentro, pelos *rahamim* (as entranhas), que motivaram esta vulnerabilidade, porque sofreu uma revolução pelo “estremecimento das entranhas”¹⁴.

As acções plesiológicas do Samaritano são cuidados (...ligou-lhe as feridas, derramando azeite e vinho...). Na verdade, tendo-o feito sair, colocou-o sobre a montada, levou-o para uma estalagem, para cuidarem d’Ele) e são marcadas pela fragilidade activa do Desvalido (certo homem). Todas as conotações plesiológicas da “comoção das vísceras” aparecem e manifestam-se nos significados do fazer vulnerável¹⁵. Esta narrativa - conto revela a conduta

¹⁰ Lévinas, E.(1974), pp.74-75.

¹¹ Meneses, R. D. B. (2008), p. 123-124.

¹² *Id.*, p. 125.

¹³ Meneses, R. D. B. (2008), p. 128.

¹⁴ Koster, H. (1971), p.57

¹⁵ Meneses, R. D. B. (2006), p. 25.

exemplar e provocante da fragilidade. A parábola do Bom Samaritano é uma narrativa deliberativa da vulnerabilidade. O Samaritano, segundo este encômio, é a expressão fenomenológica da vulnerabilidade, porque houve uma outra vulnerabilidade retratada no “semi-morto”¹⁶. O Sacerdote e o Levita eram senhores de si e do seu mundo e eram fiéis seguidores de *Torah*, nunca, nos seus corações, sentiram a vulnerabilidade. A vulnerabilidade do Desvalido nada lhes diz. A parábola do Bom Samaritano enquadra-se num discurso sobre a vulnerabilidade xenológica, originada numa “esplancnofania” como novo *ethos* do “fazer moral”. A morada da conduta humana, segundo a parábola, reside na vulnerabilidade passiva de um Samaritano, que é xenológica e plesiológica, porque vem de outra morada: *Verbum caro factum est* (a palavra fez-se carne)¹⁷.

A vulnerabilidade é condição e conduta da morada do fazer plesiológico, logo a vulnerabilidade como passividade determinará um novo elemento plesiológico¹⁸. Deste modo pode ser entendida como uma categoria inerente à existência e à compreensão do ser humano, uma vez que exprime a própria finitude da condição humana. O facto da vivência da vulnerabilidade ser perspectivada e sentida de forma negativa, a forma como o Homem se confronta com a sua própria vulnerabilidade, poderá determinar uma orientação positiva, na medida em que a fragilidade da contingência do ser humano abre a perspectiva do Outro.

2. Vulnerabilidade como responsabilidade : entre o Samaritano e o Desvalido.

Segundo Lévinas, é na subjectividade que o Eu, sempre posterior à alteridade, se manifesta ao Outro, que existe necessariamente antes do Eu e que chama o Eu à existência. Pela sua corporeidade, o ser humano é um ser encarnado capaz de afectividade, de acção e desejo e de tomar consciência de si, como ser mortal. Inerente à sua corporeidade reconhece-se a capacidade de transcender o estatuto de objecto ou de algo manipulável. Corporeidade e transcendência sustentam-no como consciente de si, capaz de se reconhecer como finito vulnerável e como agente moral. O *pathos* próprio do homem faz dele um ser de múltiplas potencialidades e de fragilidades. Por outros termos, ser

¹⁶ *Id.*, p. 25

¹⁷ *Bíblia Sagrada* (2003), p.1730.

¹⁸ Meneses, R. D. B. (2006), p.26

corpóreo, será aquele que se projecta para fora de si e se relaciona com o Outro¹⁹. A vulnerabilidade, no cenário do existir humano, tem permitido a expressão de uma ética de solicitude ao Outro. Na situação do cuidado, a vulnerabilidade indica o anseio de ser auxiliado, de receber as ajudas no sofrimento da doença. A primeira intenção ética é dar prioridade ao Outro para aliviar-lhe a dor e o sofrimento. O Rosto do próximo significa uma responsabilidade irrecusável, precedendo todo o consentimento livre, todo o pacto e todo o contacto. Ele permanece absolutamente assimétrico em relação a mim. Refere-se como responsabilidades nunca totalmente responsável, não sendo o contacto com Outrém, que anularia a “alteridade”. Esta proximidade não se revela com carácter espacial, mas sublinha, naturalmente, o carácter contingente desta relação, porque próximo é o primeiro que chega²⁰. O próximo mais próximo, segundo a interpretação da parábola, pela leitura de Lévinas, é aquele que chegou primeiro. O responsável é o desenraizado, o apátrida, o exposto ao frio e ao calor das estações, o que, em suma, está despido de dignidade ou de valor, aquele que é Desvalido e vulnerável. E a responsabilidade é ditada, não pela distância, pelo espaço ou pelo tempo, de que o seu ser, como “vulnerável”, me incumbe, me acusa de uma falta, que não cometi livremente, obrigando-se a um despojamento de si mesmo, para cuidar do Outro como frágil. A vulnerabilidade é uma responsabilidade de responsabilidade, com o Outro, e a responsabilidade é uma vulnerabilidade do Samaritano. Daqui se infere que a vulnerabilidade do Outro (*quidam homo*) será um “aniquilamento plesiológico”. Surge como um *proprium* plesiológico do Desvalido no Caminho da vida²¹.

O Sacerdote e o Levita significaram uma ruptura de solidariedade com o Outro (semi-morto). Foi o Outro (desvalido) que apareceu primeiro no caminho da proximidade, tendo levado o Samaritano (vocação do cuidado) à proximidade, acolhendo-O e respondendo aos Seus apelos. A responsabilidade surge como relação sem relação não mediada, na imediatez do Outro, que é subjectividade anárquica como implicação, recepção e aceitação vulnerável, que vem a mim (Samaritano), como aquele que presta cuidados, significando mais do que a origem e mais do que a consciência²². A responsabilidade converte-se em sujeito, chega ao superlativo, quando

¹⁹ Zuben, N.A.V.(2006), p. 442.

²⁰ Lévinas E.(1977), p. 106

²¹ Meneses, R. D. B. (2008), p. 134.

²² Costa, M.L.(2000), p. 170.

desencadeia a “inquietude” que não cessa, convertendo-se em única e, desde este momento, esquecendo-se completamente da reciprocidade. A responsabilidade é vulnerabilidade, fazendo com que esta seja uma plesiológia quenótica. Na vulnerabilidade há quenose do sujeito. O “aniquilamento plesiológico” é a quenose da vulnerabilidade, que teve o seu epílogo no Gólgota, pela Paixão e Morte, e apresentou o seu prólogo no proto-evangelho da Cruz: parábola de Bom Samaritano²³. A responsabilidade é presença do vulnerável (semi-morto), como Desvalido, que olha e chama o Samaritano. Cuida de mim! ... É o mandamento. A responsabilidade tem dois acusativos: vulnerabilidade e cuidado. A responsabilidade é a resposta indeclinável pelo “outro” e um dar inexorável. Existe o paradoxo de uma responsabilidade da qual eu não sou responsável. Tal asserção leva-nos a pensar que existem três concepções de responsabilidade. Por um lado, a concepção corrente, a de uma “responsabilidade por imposição” e, por outro, a de uma “responsabilidade assumida”, e, finalmente, a concepção de “responsabilidade anárquica”, que precede toda a iniciativa pessoal e toda a intervenção prévia da liberdade.²⁴ O fundamento da responsabilidade, para Lévinas, reside naquilo que a “eleição” confere. Sentir-se como “eleito” é fazer parte da Aliança e ser único, como sujeito-escolhido, na condição de “refém”.²⁵ A eleição, expressão da responsabilidade, nomeia-se nas seguintes flexões: consumir-se, entregar-se, etc.²⁶ A responsabilidade supõe o reconhecimento da Aliança, dado que somos recebidos como “dom”. Exige-se, assim, uma responsabilidade que faça da “resposta” uma tarefa (Aufgabe). Perante esta responsabilidade, o Desvalido no Caminho (semi-morto) constitui-se como “Gabe” (dom) e o Samaritano apresenta-se como “Aufgabe” (contra-dom / tarefa). A responsabilidade é uma “Vorgabe” (afirmação), aparecendo como “condição para a misericórdia”, que vem de Deus-Pai, através do Desvalido, para o Samaritano. Finalmente, há uma “Eingabe” (petição / apelo) pelo silêncio e pelo sofrimento do Outro (des-valido). Porém, o Samaritano, pela eleição do Desvalido, realiza uma “Vergabe” (entrega) pela comoção ou estremecimento das vísceras, aplicando óleo e vinho e curando-Lhe as feridas (Lc 10, 33-34). O Samaritano, pela responsabilidade, “entrega-se” ao Desvalido no Caminho, porque Este se entregou primeiro ao Samaritano. O

²³ Meneses, R. D. B. (2008), p. 135

²⁴ Simon, R. (1995), pp.17-18.

²⁵ Wenin, A. (1999), p. 53.

Sacerdote e o Levita foram a ausência do dom e realizaram a “Übergabe” (rendição) e perderam-se na responsabilidade de “identidade”. Logo, a responsabilidade pelo Outro refere-se como uma “eleição”. O eleito nada faz para ser bom, ele é solicitado pelo Bem na proximidade. Assim se passou com o Samaritano que foi “eleito” pelo Outro, no caminho, porque Este o chamou. O protagonista é o Desvalido. A minha responsabilidade é anterior à minha liberdade na medida em que sou chamado a responder ao “amor”. A responsabilidade do vulnerável cria-me uma ordem (pela ética normativa) e vivencia-me, pelos cuidados, pela “esplancnofania plesiológica” (acção da misericórdia ao próximo), actualizando uma aretologia soteriológica. A responsabilidade é a soteriologia da vulnerabilidade pelo cuidado. A responsabilidade é “dar prioridade “ao vulnerável. A responsabilidade de identidade marca as condutas dos assaltantes, do Sacerdote e do Levita e mesmo do legista, de maneiras diferentes, vivendo todos para si e a partir de si, “agindo”, no seu comportamento, pelo interesse, auto-estima, autoconservação, auto-extensão, autorealização e autosatisfação, precisamente naquilo que Lévinas denomina “egoísmo alérgico”, que são os individualismos em guerra uns contra os outros. Todos contra todos.²⁷

O Samaritano foi responsável pela dor e pelo sofrimento do Desvalido. A responsabilidade é uma esplancnofania do Samaritano para com o Desvalido no Caminho (meio-morto). A comoção das vísceras, de baixo para cima, será a responsabilidade pelo Outro, segundo a parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25 – 37). A comoção das vísceras do Samaritano é uma responsabilidade poética do mesmo, perante a responsabilidade anárquica, do Desvalido no Caminho. Ninguém pode substituir o Eu (Samaritano) nessa responsabilidade indeclinável. Ele deve ser responsável pelos outros e a presença deles assim o exige. O “des-valido” é considerado um ser sem categoria, sem dignidade, sem posição, como um estranho. Isto quer dizer que aquelas duas personagens do Templo de Jerusalém representam o “amor de identidade”.²⁸ Trata-se de um amor que deseja o Outro, se pertencer ao seu mundo, enquanto ignora o “des-valido”: “viu, desviou-se e passou ao lado” (Lc 10, 31-32). O Sacerdote e o Levita amam aqueles que já estão dentro do seu mundo afectivo pelo sangue, pelo parentesco ou pelo interesse, mostrando-se desinteressados e desconhecedores dos demais. Estes são os

²⁸ Di Sante, C. (1995), pp. 59-60.

protótipos do “amor de identidade”, onde o Outro é amado, porque já está dentro do meu Eu e me é necessário. O amor de identidade, simbolizado nos servidores do Templo, é um amor só aparente, que nega a própria realidade do amor, não só porque nele o Outro é definitivamente inalcançável, como também porque nele o Eu fica irremediavelmente irrealizado e, por isso mesmo, alienado. O amor de identidade é um amor duplamente paradoxal, tanto para o Eu, que em vez de se realizar fica perdido na Lei, nos Profetas e no ritual, quanto para o Outro que, no momento em que é possuído ou incorporado, em vez de estar próximo se revela inacessivelmente “distante”. Este é inexoravelmente um não dar-se. O projecto de auto-realização exige, da parte dos outros, reconhecimento, respeito, liberdade de acção e não instrumentalização da pessoa. Essa auto-realização, que seria o objecto e a razão da dignidade, só é possível pela solidariedade e pela vulnerabilidade.

Naturalmente, a vulnerabilidade é uma “quenose” e surge como aniquilamento do ser, do agir e do fazer. Jesus Cristo não escapou ao “aniquilamento ou à “quenose”, no Golgota. A parábola do *Hom -Viator* é eticamente um prólogo da vulnerabilidade de Deus-Pai, em Jesus Cristo.. A vulnerabilidade é a situação daquele que está ferido pelas pancadas dos salteadores, até estar sujeito ao sofrimento, como se simboliza no justo sofredor do Deus de Israel²⁹. A vulnerabilidade implica uma correlação intersubjectiva, onde se encontra o patético do agir, do estar, do ser e do fazer. O *Ecce Homo* é a vulnerabilidade suprema da “esplancnofania poiética” do Pai das Misericórdias. Esta vulnerabilidade, além de ter um prólogo na parábola do Bom Samaritano, verificou-se na flagelação, segundo S. João, encontra-se realizada desde a passividade da passividade até à proximidade do Samaritano ao Desvalido. Este é o Rosto da fragilidade do ser ao fazer. A vulnerabilidade, como nota soteriológica, implica uma relação dual de cedências, como se concretiza na parábola. Assim, encontramos o Samaritano, que se tornou numa vulnerabilidade passiva, porque o Desvalido no Caminho era um ser activo, ao despertar naquele a “esplancnofania poiética”³⁰. A vulnerabilidade participa deste cuidado xenológico. Segundo a parábola do Bom Samaritano, será possível uma “teologia da vulnerabilidade”, caracterizando-se pelo papel do estranho na doação e serviço da fragilidade do Outro. O agir e o fazer implicam “condutas quebráveis”, como encontramos nas personagens da parábola: salteadores, Sacerdote, Levitas, Samaritano e “semi-morto”. A

²⁹ *Id.*, p.30.

³⁰ Meneses, R. D. B.(2008), pp. 202-203.

vulnerabilidade é uma qualidade vivencial do Desvalido, e este é *per naturam suam* vulnerável. De facto, a “comoção das vísceras” do Samaritano é uma dimensão plesiológica da vulnerabilidade, uma vez que esta origina aquela³¹. É uma necessidade plesiológica que vem do sentido axiológico-ético da vulnerabilidade de um Desvalido no Caminho. Esta é a parábola da vulnerabilidade, porque descreve um Desvalido na sua “debilidade soteriológica”.

3. A Vulnerabilidade da vulnerabilidade: na narrativa esplancofânica do Samaritano.

O Evangelho, segundo S. João, será mais explícito neste aspecto quando Pilatos mandou flagelar Jesus, apresentou-O ao povo e disse: *Ecce Homo* (Jo 19, 5). O evangelho de Lucas é uma metáfora da vulnerabilidade, ao relatar a intenção de Pilatos de dar um “castigo” a Jesus, para depois O deixar em liberdade (23, 16). O procurador romano cedeu diante da multidão e entregou Jesus para ser crucificado (23, 25). O texto de João juntamente com os outros dois sinópticos (Mt 27, 26-31; Mc 15, 15-20), ampliam a narração destes acontecimentos. Pilatos, então tomou a Jesus e mandou açoitá-Lo.³² Pilatos reconheceu não encontrar nenhuma culpa no *Ecce Homo*, que os judeus O apresentaram, para que O sentenciasse à morte (Lc 23, 1-4). O homem, que descia de Jerusalém a Jericó, não tinha cometido qualquer delito. Estava inocente, mas vulnerável, porque os bandidos caíram sobre Ele e maltrataram-No injustamente. Desnudaram-No, ataram-Lhe as mãos a um poste e encheram-No de golpes, deixando-O meio morto, tendo falecido, pouco depois, na cruz. O homem, assaltado no caminho, segundo a parábola, recebeu um tratamento semelhante ao que recebeu quando foi flagelado no pretório de Pilatos. Estamos perante a “metáfora vivente” da vulnerabilidade. Cristo passou por esta vulnerabilidade interior pela *via crucis* dos doentes, dos deserdados, dos pobres, dos frágeis, que possuem um paradigma de discípulo, que ajuda a levar a Cruz, de tantos “desvalidos”, pela *via doloris* (Lc 5, 1-11; 9, 23-25, etc.). Ser Desvalido é ser frágil e vulnerável ou sem “valor”.³³ Mas, no versículo 33: aproximou-se, ligando-lhe as “feridas”, deitando nelas azeite e

³¹ Meneses, R. D. B. (2006), p. 301.

³² Radermakers, J. *et al.* (1986), pp. 457-458.

³³ Lopes Nunes, E.P. (1993), p. 129.

vinho, Aqui está a actuação do Samaritano (estrangeiro perante Israel e agnóstico) que trata do “desvalido”, que está “fragilizado”. O Samaritano aparece como o “pastor da vulnerabilidade”. É aquele que está ao seu serviço, que cuida d’Ele. O Samaritano cuida das “feridas”. O termo que aqui aparece, somente uma vez em S. Lucas e neste contexto é “*trauma*”, que quer dizer “ferida”. Mas, S. Jerónimo, na *Vulgata Clementina* traduziu pelo termo latino *vulnus, vulneris* (s.n.; 3ª declinação) que significa: ferida, golpe, corte, toda a espécie de lesão, abertura. Será a partir desta palavra que surge a designação latina *vulnerabilitas*, que originou o termo luso de vulnerabilidade.

O Samaritano vive das *vulnera* do Desvalido no Caminho da fragilidade (Lc 10, 29). Tudo quanto os salteadores fizeram foi um caminho de vulnerabilidade no Desvalido no Caminho da vida. O proto-evangelho da vulnerabilidade revela-se na parábola do Desvalido no Caminho (Lc 10, 25-37).³⁴ O Samaritano sentiu a *sub pectore vulnus*, que é motivada pelo movimento das vísceras, de baixo para cima, que se traduziu incorrectamente por misericórdia.³⁵ Os – *rahamim* – são condições que motivam a vulnerabilidade activa. O Samaritano ficou combalido ao ver o Desvalido, mas houve a revolução das vísceras e foi levado à acção, aplicando azeite e vinho nas feridas. A vulnerabilidade passiva (Desvalido no Caminho) determinou a vulnerabilidade activa (Samaritano). Este estremecimento motivou a compaixão do Samaritano para com o Desvalido. O Samaritano é a expressão da vulnerabilidade activa, que acode, *sub pectore vulnus*, ao necessitado, como vulnerável passivo. As duas formas de vulnerabilidade são expressão de uma mesma vulnerabilidade existencial (funcional), que afecta toda a narrativa.

As acções plesiológicas do Samaritano são marcadas pela vulnerabilidade do Desvalido. Há uma proporcionalidade, no agir, entre as duas formas de vulnerabilidade. A parábola da vulnerabilidade do Desvalido (Lc 10, 25-37) tem uma *prova ética* e uma *prova patética*. A parábola além de mostrar uma conduta de vulnerabilidade (ética da fragilidade) aparece como um “elenco” marcado pelo patético ou pela emotividade do “fazer plesiológico” do Samaritano. A parábola do Bom Samaritano é uma “narrativa deliberativa de vulnerabilidade”. A parábola do Desvalido no Caminho – *homo viator* – define uma teologia da vulnerabilidade, cujo discurso se inicia pela pergunta: que fazendo para alcançar a vida eterna?. A resposta é plesiológica, de acordo

³⁴ S. Sandher, S. (1998), pp. 123-130.

³⁵ João Paulo II (1984), p. 243.

com a parábola do Bom Samaritano, mas os resultados são vulneráveis, porque marcados pelo “fazer esplancofônico” de um estrangeiro, que marca a dimensão teológica da estranheza ou uma “teologia xenológica”.

4. Conclusão.

A parábola do *Homo Viator* é eticamente um prólogo da vulnerabilidade de Deus-Pai, em Jesus Cristo, como responsabilidade anárquica. Tal como sucedeu com o Samaritano, usando terminologia levinasiana, a responsabilidade é o próprio, a própria espiritualidade, a própria “incondição” de um sujeito auto-heteronomicamente dito, isto é, de um sujeito absoluto e anarquicamente sujeito à anterioridade da “alteridade”. A responsabilidade é o que exclusivamente me incumbe e que humanamente não posso recusar. Este fardo ou tarefa é a suprema dignidade do único Eu. E sou Eu na justa medida em que sou responsável.³⁶ Porque somos responsáveis sem “assumir” esta responsabilidade voluntariamente, sempre que a outra pessoa nos olha, as nossas respostas são em favor delas. Somos responsáveis pelas responsabilidades dos outros. Assim, foi o Samaritano. Nada que esteja relacionado com o alheio, refere Levinas, nos deixará indiferentes. Poderemos sempre exigir justiça, para os outros, especialmente aqueles que são mais responsáveis por nós, precisamente porque somos responsáveis até mesmo pelas responsabilidades dos outros. Contudo, a vulnerabilidade é uma responsabilidade poética, de alteridade, porque conleva um compromisso de solidariedade e de acolhimento do Desvalido no Caminho, dado que habita na fragilidade. Toda a vulnerabilidade é uma responsabilidade por todos. Mais do que Eu. Cada pessoa será mais responsável ou culpada, que qualquer um ou que todos os demais. A responsabilidade aparece como fardo absoluto, que consagra a suprema dignidade do único. Logo, a sujeição do sujeito, da substituição até à expiação, é eleição pela responsabilidade e para a responsabilidade de alteridade. A eleição, pela anterioridade do Bem para a bondade do Bem ou para o “des-interesse”, no cuidado absoluto e absolutamente desinteressado pelo Outro, encontra-se no paradigma de alteridade. O Samaritano, diferentemente do Sacerdote e do Levita, sendo estrangeiro e mal-visto, por razões étnicas e culturais e ainda como inimigo, é o representante do “amor de desinteresse”, pelo qual o Outro não é homogêneo

ao próprio projeto, mas rompe-o e coloca-o ao seu serviço. Detendo-se e inclinando-se perante o “desvalido” (semi-morto), que encontrou no caminho, o Samaritano não somente não O prende dentro do seu projecto, bem como O “vê” no seu projecto, que irrompe e se redefine, não já como uma “autorealização”, mas como um “serviço”. O amor de alteridade, como de irmão, dado pela responsabilidade arquioriginariamente considerada, do qual o Samaritano é a imagem narrativa, não conleva o Outro (des-valido) ao horizonte do Eu, mas antes converte o Eu ao serviço do Outro.³⁷ O amor de alteridade, na sua “resposta ética” (responsabilidade pelo Outro), aproxima-se do Outro, não para se realizar, mas antes para vivenciar o Outro, não para se projectar, mas para “cuidar” do Outro e fazê-Lo ser. Pela parábola de Lucas, a “responsabilidade de alteridade”, que julga e que redefine qualquer Outro, será a de “des-identidade”, única que aproxima do Outro e aproximando-se do Outro realiza o próprio Eu, revelando-lhe a sua “autenticidade”. Toda a vulnerabilidade possui *per se* uma responsabilidade agápica, onde o Samaritano é insubstituível. Ninguém mais poderá ocupar o lugar do Samaritano e assumir a condição de “semi-morto” (Lc 10, 25 – 37). O vulnerável é um “semi-morto” que se mostra como um Rosto fragilizado (nu, doente, pobre, drogado,etc). É o Rosto do Outro ! ... Ser Desvalido no Caminho é ser vulnerável. Assim, perceber o Outro fragilizado, como outro, é entender , na epifania do Rosto, a solicitação do vulnerável. A vulnerabilidade é uma solicitude ou preocupação do ser Outro. A vulnerabilidade implica uma responsabilidade como um sofrer pelo Outro. A responsabilidade por Outro será uma comiseração ou uma misericórdia. Apresenta-se como um sentimento esplancofânico , por outra pessoa, especialmente no seu sofrimento. Ninguém pode substituir o Eu, nessa responsabilidade indeclinável. Ele deve ser responsável pelos Outros e a presença deles assim o exige. A responsabilidade será uma expressão da vulnerabilidade, porque esta implica do sofrimento do Outro. O vulnerável sente dor, mesmo que não tenha causado a mesma dor ou sofrimento. O Outro (Desvalido no Caminho) poderá ressentir-se da sua vulnerabilidade. A vulnerabilidade é um recentimento do Outro e do Eu (Samaritano). Implicará naturalmente a responsabilidade como dado recíproco. Poderemos imaginar um Eu (Samaritano) que está ressentidamente obcecado com a responsabilidade irrecusável. O ressentimento , que está no face-a-face da vulnerabilidade,

³⁷ Di Sante, C. (1995), p. 60.

poderá ser o único meio de auto-evidência disponível do Eu auto-determinante e irrecusavelmente responsável. Esse rancor, na vulnerabilidade, está de tal maneira emaranhado com a responsabilidade, que é quase impossível distinguir um do Outro. Logo, a vulnerabilidade é o ressentimento do Outro pela responsabilidade. Daqui surge uma conduta vulnerável, que vai da Hamartiologia à Cairiologia, no sentido de definir uma nova ética, que poderá ser chamada de Ética da Fragilidade, que tem um paradigma na parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25 – 37). É uma necessidade plesiológica que vem do sentido axiológico-ético da vulnerabilidade de um Desvalido no Caminho.

Bibliografia

Bíblia Sagrada, versão dos textos originais, Lisboa/Fátima, Difusora Bíblica(2003) João 1,14 (p.1730); Lucas 10, 25-37 (pp.1692-1693).

BRITO, J.H.S., – *De Atenas a Jerusalém: a subjectividade passiva em Lévinas*, Lisboa, Universidade Católica Editora (2002).

J. TUDELA – “El Exceso de Bien: Subjectividad y significación ética en E. Lévinas”, in: *Escritos del Verdat*, 12 (1982).

LÉVINAS, E., - *Du Sacré au saint*; Paris Minit (1977).

_, *Autrement qu’être au delà de l’essence*, La Haye: Nijhoff (1974).

MENESES, R. D. B., – “O Vulnerável segundo a parábola do Bom Samaritano” in: *Revista de Cultura Teológica*. 56 (S. Paulo, 2006).

_, *O Desvalido no Caminho. O Bom Samaritano, como paradigma de humanização em saúde*, Santa Maria da Feira, Edições Passionistas(2008).

COSTA, M. L.- *Lévinas: uma introdução*, Petrópolis, Editorial Vozes (2000).

OSSWALD, Walter – “Desafios postos pela vulnerabilidade aos pesquisadores” in: *Revista Brasileira de Bioética* 2 (2006).

OSSWALD,W. – “Solidariedade, fraternidade, política: questões nem sempre fáceis”, in: *Humanística e Teologia*, 26 (2005).

BRITO, J.H.S., – *De Atenas a Jerusalém: a subjectividade passiva em Lévinas*, Lisboa, Universidade Católica Editora (2002).

LÉVINAS, E., - *Autrement qu’être au delà de l’essence*, La Haye: Nijhoff, (1974).

KOSTER,H,“Splanchnon”, in: Grande Lessico del Nuovo Testamento Brescia, Padeia XI (1971) .

MENESES, R. D. B. – “O Vulnerável segundo a parábola do Bom Samaritano” in: *Revista de Cultura Teológica*. 56 (2006).

ZUBEN, N.A.V.,- Vulnerabilidade e Decisão: tensão no pacto médico. *Revista O Mundo da Saúde* - São Paulo, ano 30v. 30 n.3 Jul/Set (2006).

SIMON, R. “Vers une nouvelle approche de la responsabilité”, in: *Église et Théologie*, 26 (1995).

WENIN, A. *L’Homme biblique*, trad. do alemão, Paris, É. du Cerf(1999).

DI SANTE, C. – *Il Padre Nostro, l’esperienza di Dio nella tradizione ebraico-cristiana*, Assisi, Cittadella Editrice (1995).

RADERMAKERS J. et al. – *Lectura Pastoral del Vangelo di Luca*, E. Dehoniane, Bologna(1986).

LOPES NUNES, E.P. – *O Outro e o Rosto: problemas de alteridade em Emmanuel Lévinas*, Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga(1993).

SANDHER.S. – *Die heimliche Geburt des Subjekts*, W. Kohlhanimer-Verlag, Stuttgart(1998).

JOÃO PAULO II – *Epistula Apostólica Salvifici Doloris*, in: *Acta Apostolicae Sedis* 76 , 3 (1984).